



[GILDA CHATAIGNIER]

Graduada em Jornalismo pela UFRJ. Mestre em Artes e Design pela PUC-RJ. Professora e autora de vários livros, entre os quais se destacam *Todos os caminhos da moda* (Rio de Janeiro: Rocco, 1997) e *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem* (São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2007).

E-mail: gilda.chataignier@gmail.com

Cariocas são bacanas

A primeira vez que ouvi a voz da cantora Adriana Calcanhoto foi em um desfile da Maria Bonita num distante *Fashion Rio*. Ficou batucando no meu ouvido o refrão "ah, se eu fosse marinheiro...", alegre e original, *made in Brazil* e o oposto daqueles sons trogloditas que faziam o coração da platéia estufar com a sensação de que todos morreriam nas beiradas da passarela. Desde então a gaúcha entrou no meu circuito musical, com aquele tom fino e letras inteligentes.

Mais tarde, já incensada pela mídia e com um público sensível às suas criações, Calcanhoto tomou conta de CDs, rádios, palcos, canais de televisão e shows: nascia, entre suas inúmeras composições, *Cariocas são bacanas*, quem sabe um cumprimento àqueles que a acolheram como grande e afinada cantora e autora.

Foi pensando nisso que me deu vontade de escrever sobre a moda das meninas do Rio. Não com o tom de Caetano em sua canção-poema, que descobria seu primeiro "muso", nem à população feminina dessas praias. Na verdade, uma pesquisa informal sobre usos e costumes de peças e acessórios de moda e, principalmente, a paixão por sandálias. Respostas apressadas poderiam dizer que o clima é responsável por esse tipo de calçado. Banal. Existe algo contundente que faz parceria com os pés de suas donas.

É impressionante o número de sandálias usadas por todas as faixas socioeconômicas e etárias no Brasil e, em especial, na Cidade Maravilhosa. Já não era mais

a "alpercata", como se dizia antigamente e ainda hoje nas funduras de cerrados e caatingas. As brasileiras aparecem nas estatísticas como fiéis usuárias de sandália, peça que, desde que se tem notícia, já calçou os pés de etruscos e romanos, gregos e vaidosos assírios e caldeus. A princípio de uso masculino, logo se estendeu às mulheres. Mas não é sobre história que desejo falar, então... fui conferir no Aurélio a palavra sandália e descobri dezenas de codinomes, todos de origem árabe: *albarca*, *alpercata*, *alpargata*, *apragata*, *paragata*, *pracata*, *pargata* e outros, sem falar em *percata*, termo que aprendi com uma acabadeira de confecção.

Comecei a observar como se calçavam as cariocas. Do metrô aos ônibus, nas salas de aula, alunas e professoras, nas ruas populares e nas chiques, nas festas, nos eventos, nos shoppings e em todas as estações do ano. Estávamos no verão? Nada disso. Era invernicno entre setembro e dezembro – ainda que meu termômetro fashion já soubesse disso, que data não é documento –, e todas as mulheres estavam encapotadas e com longos cachecóis enrolados no pescoço. Percebi que esses referidos lenços, diversificados entre o estilo palestino – mas sem conotação ideológica – e o charmezinho parisiense, atestavam que elas estavam com frio. Mas... e as sandálias? Permaneciam nos pés de suas insensíveis donas. Continuei a pesquisa mais com pé do que cabeça e reparei também nos estilos: rasteirinhas, anabelas, plataformas, saltos altíssimos, emborrachadas, de pano e cortiça, enfim, um mostruário de peso. Boa parte das usuárias tinha características de classe média, era moradora da zona sul e da Barra e, estudante de universidade consagrada. Essas mulheres praticamente esqueceram os mocassins ou os tênis. As botas e galochas que invadiram o mercado nessa estação disputavam um lugar ao sol, que não se mostrava.

O que pode concluir disso tudo: a mídia torna-se cada vez mais atenta e aceita o fato de que o comportamento da carioca diferencia-se dos modelos convencionais, pois ela não associa determinadas peças diretamente com suas respectivas sazonalidades. Outro ponto curioso é que a carioca é freqüentadora de pedicures o ano inteiro. Seria algo ligado ao erotismo? Que o diga a história de Cinderela. Ou, quem sabe, um tipo de fetichismo que explora o pé, a sola e os dedos. Uma espécie de "pata da gazela" em versão atual, calçada em José de Alencar e seu romance homônimo.

Distribuí *flyers* entre minhas alunas de moda¹. E além da sandália? O que usam essas meninas? A coisa pegou e todas responderam, ampliando gostos e manias para o universo de roupas e acessórios. Para simplificar, eis o que apurei: a maioria expressa suas preferências por vestido (o da modinha, o tomara-que-caia e agora os longos que varrem calçadas e salões), camisa branca de tecido, biquínis com limites permitidos pelo espelho, bonés rebeldes ou fashion, mas a onda é chapéu panamá, short dia e noite, anabelas e rasteiras, camisola e *baby-doll*, calcinha de algodão, tecido plano de algodão liso e aceitação discreta de estampados florais ou psicodélicos, cores como preto, branco, vermelho, rosa e, às vezes, verde-limão, bolsas grandes cheias de mil "filhotas" internas, customização, mistura de matérias-primas, jóias de prata, bijuteria original e colorida, bolsa média de couro e carteiras para as festas. Também receberam votos os brincos pingentes, as grandes argolas, as peninhas, as bolsas de pano e de palha, os santinhos e as fitinhas, enfim, um arsenal que exhibe e protege. E, para arrematar, todas confessaram que compram em camelôs quando as peças seduzem; não são fiéis às marcas de que mais gostam; não se incomodam se aquela peça desejada encontra-se numa loja de departamentos ou em uma popular; preferem botas a tênis; vão à praia com vestidinho sobre o biquíni; e amam óculos escuros grandões. A grife que salta aos olhos é aquela que não tem CNPJ e não declara imposto de renda: Carioca.

As definições sobre o que identifica a carioca em matéria de moda balançam entre a auto-análise e os adjetivos gentis e gentílicos: divertida, criativa, autêntica, sensual, sexy, despojada, descontraída, pretensiosa, diferenciada, estilosa, única, versátil, antimoda, ousada, espontânea e por aí vai.

Calcanhoto tem toda a razão: "cariocas são bacanas".

[1] A pesquisa foi realizada com alunas de cursos de Moda e Design das seguintes instituições: PUC-RJ, Senai-Cetiqt e Estácio de Sá.